

ANTONIO BOTTO

9 DE ABRIL



LIVRARIA POPULAR DE FRANCISCO FRANCO

14, RUA DE BARROS QUEIROZ, 18

L I S B O A

OBRAS PRINCIPAIS DE  
ANTÓNIO BOTTO

C A N Ç Õ E S

tradução inglesa de Fernando Pessoa

O LIVRO DAS CRIANÇAS

tradução inglesa de Alice Oram

C I U M E

tradução inglesa de Fernando Pessoa

O MEU AMOR PEQUENINO

traduzido em holandês, italiano,  
espanhol, inglês e alemão

A L F A M A

CARTAS QUE ME FORAM  
DEVOLVIDAS

A N T Ó N I O

BAIONETAS DA MORTE

DAR DE BEBER A QUEM TEM SÊDE

N O V E D E A B R I L

PROXIMAMENTE

A VIDA QUE TE DEI

*O Editor transcreve, da imprensa estrangeira e da imprensa portuguesa, alguns comentários de crítica a alguns livros de António Botto.*

Um livro de contos para crianças do célebre escritor português António Botto está publicado em inglês na tradução magnífica de Alice Oram. Trata-se de uma verdadeira obra de maravilha que lembra o livro imortal de Laura Richard's «Janelas de Ouro». Devemos, contudo, afirmar que António Botto é mais original, mais poeta, mais profundo, e o seu estilo, ao contrário do de Laura Richard's, é inimitável e perfeito.

*Morning Post — Londres*

As histórias infantis do genial poeta português António Botto, traduzidas por Alice Oram, são, realmente, encantadoras. Há em cada uma proveitosa lição de moral, e as ilustrações parecem feitas pelas próprias crianças que vão ler e amar este livro lindo.

*Woman's Magazine — Londres*

O Distinto poeta português António Botto é, também, um artista extraordinário que, através dos seus contos infantis, nos mostra um profundo conhecimento da alma das crianças.

*Teachers' World — Londres*

«Dar de beber a quem tem sede» destina-se às crianças e aos adultos; uns e outros receberão deste livro prazer e lição ao mesmo tempo

*Phileas Lebesgue — Mercure de France — Paris*

«Dar de beber a quem tem sede» se fôr traduzido em tôdas as linguas ficará como obra de beleza eterna em tôdas as literaturas.

*Les Nouvelles Littéraires — Paris*

O grande poeta português António Botto mais uma vez é Artista e alto Educador neste seu interessantissimo livro «Dar de beber a quem tem sede».

*La Nacion — Buenos Aires*

Entre os mais altos poetas portugueses do momento actual sobressai, pela elegância e originalidade do seu espirito, o nome de António Botto.

*Heraldo Liberal — Habana*

A Arte e a Poesia do grande Poeta António Botto fizeram escola e os seus imitadores e discipulos contam-se às centenas.

*Diário de S. Paulo — Brasil*

Vai sendo lugar comum jornalístico considerar António Botto um dos maiores poetas portugueses de todos os tempos ; é verdade — e verdade indiscutível ; mas há, a nosso ver, que encará-lo sob êste aspecto de prosador perfeitíssimo que sabe realizar uma união salutar e fecunda entre o martírio da forma e a beleza da ideia. Não há nas duzentas e oitenta páginas dêste livro uma nota de menos espiritualidade, um traço mais terreno, digamos assim. As personagens, bonecos ou animais, passam por nós num desfile magnifico, rico de imagens felizes e de conceitos moralizadores, sempre oportunos e justos. Não são personagens — fantoches que o escritor idealizou para a pequenada que o ler. São almas — almas que o poeta e o psicólogo fotografaram para prazer espiritual dos que «têm sêde», sêde de beleza, de espiritualismo e de perfeição. Há neste livro, de intenções tão justas e tão sãs, páginas admiráveis que consagrariam para sempre um escritor — ou um filósofo. Em António Botto há uma arte especial, cremos que única no nosso país, de exprimir fàcilmente as coisas mais difíceis. Nestes seus pequenos contos há alguns que nos lembraram Kipling, de tal maneira têm, como nas obras do grande poeta inglês, a marca profunda do talento por sôbre o amor da ternura, da simplicidade e das coisas sérias da natureza e da vida.

*Luiz Forjaz Trigueiros — Diário da Manhã*

António Botto, além de poeta, é um admirável contista. O «Livro das crianças» e «O meu amor pequenino», que alcançaram o maior êxito no país e no estrangeiro, em várias traduções, demonstraram exuberantemente que o poeta das «Canções» também sabia educar e entreter crianças com os seus contos magníficos. «Dar de beber a quem tem sêde» compõe-se de setenta e dois contos ricos de imaginação, escritos em linguagem simples mas puríssima. Qualquer dêles constitui um deleite e uma lição para as crianças. Também os adultos os podem ler porque

seduzem e distraem. São conceitos da vida postos em arte e em beleza.

*Leopoldo Nunes — O Século*

António Botto, além de ser, por tãda a sua natureza literária, um Príncipe das Letras Portuguesas contemporâneas, é actualmente, o maior escritor português de contos infantis.

*Manuel Anselmo — Diário de Lisboa*

«Dar de beber a quem tem sêde» é um belo livro de António Botto. Numa ou noutra página há pinceladas discretas de aguarela naturalista que encantam pela frescura e pela suavidade. Leitura proveitosa para crianças e adultos.

*A Voz*

Um livro do grande poeta António Botto é sempre um acontecimento literário do maior interêsse. «Dar de beber a quem tem sêde» é um livro da maior oportunidade social. Obra de um grande artista criador — deveria ser largamente espalhada pelas escolas e em todos os lares merece o maior acolhimento.

*Joaquim Manso — Diário de Lisboa*

Verdadeiro livro de poesia no ritmo da boa linguagem.

*Armando Ferreira — Jornal do Comércio e das Colónias*

Tanto como nos seus livros de versos, António Botto é, neste seu livro de prosa «Dar de beber a quem tem sede» um grande, um extraordinário poeta.

Não vemos, em nossa língua, quem o suplante nesta arte difficilima de dizer com a singeleza da meninice, as coisas mais profundas da vida anímica do Homem. A capa do livro é simplesmente encantadora; de uma originalidade que surpreende e cativa.

*Alfredo Brochado — A Verdade*

A moderna literatura infantil não pode fenecer nos arcalcos processos do descritivo ingénuo. Tem de viver do fulgor mental e projectá-lo na formação do carácter e da intelligência da criança. Não se exige uma enciclopédia, ou mesmo um caderno de pedagogia, impõe-se-lhe, apenas, que acompanhe o dinamismo intellectual da literatura contemporânea. António Botto, lirico da melhor formação poética, dramaturgo faiscante de talento, escritor de hierarquia, artista de estirpe, percorre as áleas dos jardins da literatura infantil com arte superior e enche de perfume os seus canteiros policromos. A sua faceta intellectual, dá-lhe jus à classificação de primeiro escritor na moderna literatura infantil. Os seus contos para crianças, são-o, igualmente, para adultos, tal a beleza moral e literária e o fundo de humanismo que esmaltam. No seu livro recente, «Dar de beber a quem tem sede», agora posto à venda, esses primores brilham com uma cintilação rara e desconhecida.

*Alfredo Marques — Jornal de Notícias*

«Dar de beber a quem tem sede» é o grande nome do novo livro de António Botto. Prosa simples, correntia mas elegante, destinada a crianças grandes ou pequenos adultos. «Dar de beber a quem tem sede» é, realmente, como uma fonte crista-

lina onde a alma se dessedenta das securas desta vida. Antônio Botto não publicou um livro; abriu um chafariz. Ali se vai beber por gosto, até mesmo sem ter sede, porque a obra é admirável: — o livro de um grande Poeta que faz um raid pela prosa e marca o seu lugar como um ás.

*Alfredo França — Sempre Fixe*

«Dar de beber a quem tem sede» é um Breviário onde os mais puros princípios da Moral e da Humanidade estão descritos.

*Antônio Gomes — Guitarra de Portugal*

Os que chamam prosaicos aos versos de Antônio Botto não atingirão, também, por maioria de razão, a poesia dos seus contos. Caso grave: não atingida ela, não respirada a sua atmosfera, o leitor apreenderá um ou outro conceito (a chamada moralidade do conto), e todo o resto lhe será banal, confrangedora e desoladoramente banal. Pobre Antônio Botto, condenado pelo crime que não cometeu!

*Albano Nogueira — O Diabo*

Os contos de Antônio Botto são de molde a interessar as crianças pelo lado imaginoso, assim como impressionarão os adultos pela beleza da forma.

*Jaime Brasil — República*

Mesmo quando escreve em prosa, Antônio Botto, é sempre, sempre, um poeta de fina e penetrante sensibilidade. Diz-nos ele, à portada deste seu livro «Dar de beber a quem tem sede».



que se trata de *contos para crianças e adultos*. Concedemos que sejam contos essas dezenas e dezenas de histórias de encantar que, pelas páginas desse volume, António Botto espalha como jóias de valia, como bonitos, como lumes de estrélas maravilhosas numa árvore de Natal.

*Augusto Pinto — Diário de Notícias*

O conto é um exame da arte de escrever. São bem raros, por isso, os escritores que, actualmente, entre nós, merecem a imparcial classificação de elevados e notáveis contistas. Dentre as excepções que, neste momento, poderíamos apontar, destaca-se António Botto, Poeta consagrado e Prosador de ilimitados recursos. O seu último livro, com o título «Dar de beber a quem tem sede» sendo, como é, na essência, um livro de Poeta, impõe, ao mesmo tempo, a personalidade do seu autor como a de um formidável contista.

O livro «Dar de beber a quem tem sede» deve estar em todas as casas.

#### *Humanidade*

Há que reconhecer, primeiro que tudo, que as edições sucessivas de um livro, muito principalmente de um livro de versos, se muitas vezes, representam «habilidades publicitárias» de editor audacioso, significam, também em casos especiais, o clima mental que se desenvolveu em torno de um ou de outro autor.

*Canções*, o livro que António Botto reeditou uma vez mais, vem provar que, sendo certo que maus tempos vão correndo para a poesia, escasseando o público a ponto de muitos poetas se sentirem na necessidade de editar as suas obras, de outra privilegiada situação goza o autor das *Cartas que me foram devolvidas*.

E podem vir ao meu encontro algumas pessoas ingénuas, mais ou menos ausentes do eterno espectáculo da vida, no propósito de me informar que se António Botto vende tão largamente os seus livros, isso se deve atribuir sòmente à insistente campanha de certos «cavalheiros de óculos negros»... Assim parece, mas assim não sucede em realidade. A tagarelice das esquinas pode, realmente, influir na venda de um ou mais livros do mesmo autor. Está, afinal, mais que provado que a gritaria faz convergir na sua direcção a atenção dos que passam perto. Mas, depois, vem o hábito, ou se quiserem a vulgaridade, e êsse motivo de atracção torna-se uma fôrça desacreditada.

António Botto, ao contrário do que muitos teimam em sustentar, é, actualmente, o poeta português mais lido e admirado, o que não se torna difícil justificar, não só perante as sucessivas edições dos seus livros, o que não seria suficiente, mas perante a sua personalidade, o que é, a meu ver, uma razão de sobra.

Conhecendo como conheço o poeta e a sua obra, soma perfeitamente certa de extensos diálogos de rua e serenas leituras de gabinete, tenho para mim que é António Botto destes poetas inconfundíveis, artista sob o supremo comando da sua maneira de ser, que se mostra através do homem numa verdade a que se pode chamar culto natural e perpétuo da beleza.

Sendo, por conseguinte, um poeta do amor sem artificios, êle é também o poeta de si próprio, o cantor do que passou pela sua retina e se fixou, do que se demorou no palácio da sua alma em vibrações luminosas, de tudo, enfim, que viveu em instantes ritmados nos seus sentidos.

Cantor do amor que subiu e tomou vulto, fanático da forma, António Botto olha para si próprio para ver e sentir o que se desenrola na sua frente, tomando sempre como linha interpretativa a sua sinceridade de artista.

Assim se verificou neste livro *Canções*, poema com algumas páginas de um neo-helenismo puro, que António Botto é, se assim se pode dizer, o amante de si próprio. Muitos versos reproduzem apaixonadamente os sonhos e as desilusões que atra-

vessam a alma do Poeta. Muitos outros, num despedir límpido, são testemunhos de saúde pelo que se foi envolto em encantos. E outros, mais claros, mais doirados de forma, são exaltações do plasticismo vivo, quente e eterno.

António Botto, no dizer de muitos, vive no outro mundo da moral!... Se isto fôsse aceitável, tínhamos que começar a apreciar os artistas, os que compreendem e interpretam a vida primeiro do que os outros, como vultos cinzentos da multidão. Ora, bem opaco será aquele que não deixa atravessar o seu espírito pelos lampejos da suprema emotividade que vem dos espíritos ímpares, superiores. Ainda não se inventou, de resto, por mais que os «tartufos» teimem em dizer que êle existe, o metro para regular a extensão da moral. Existe, sim, o conceito alto da humanidade, que nos obriga a nada fazer senão em benefício, material ou espiritual, do nosso semelhante. E é isso o que fazem todos os grandes e verdadeiros artistas.

*Guedes de Amorim — Revista «Solução Editora»*

Admiro em António Botto o maior poeta português dos últimos vinte anos. António Botto é um caso único na literatura portuguesa. Há nos seus versos, a máxima verdade rítmica, aquele ritmo independente de tratados, que é «pessoal e intransmissível». E é no ritmo de António Botto que se encerra toda a grande, a eterna beleza das suas *Canções*, e, direi mais, de toda a sua obra.

Não conheço teatro mais humano que o teatro de António Botto — a *Alfama*, onde o lódo e a água pura correm paralelamente; o *António* onde a unidade clássica resplandece, definido no Espaço, certo no Tempo, harmónico na Acção. E que dizer das *Cartas que me foram devolvidas* onde a verdade e o subtil dos conceitos são vazados na mais bela prosa portuguesa, a prosa de um grande poeta, e que só tem igual na serenidade intangível dos seus contos infantis?

Acusam António Botto de que a sua obra é profundamente imoral, desoladora, doentia. Mas, António Botto, o caluniado António Botto, escreve livros que são pequenos evangelhos de beleza cristã, canções de luz e de bondade a iluminar as almas ainda brancas, ainda novas, ainda verdadeiras das crianças. O esteta que vive em António Botto é, também, um suave Educador, um peregrino da Perfeição, — mas, da Perfeição que redime, da perfeição que embeleza a vida, que atenua a dor, que torna o sofrimento suportável. O poeta supremo das Canções não é um doente moral, um caso além da natureza, como muitos querem, mas, sim, um Esteta, um amante da beleza das formas, a beleza superior que revela, que é a antecipação de um estado criador que anda latente na alma dos eleitos — dos que vivem para lá das porcarias da vida.

O poder emocional dêste artista é um caso à parte de tôdas as emoções; é aquela outra emoção que nos esmaga e, por momentos, nos priva da nossa personalidade, mas que, depois nos leva a construir, sôbre ela, novas belezas e emoções. O aspecto emocional da arte de António Botto é simples como veio de água corrente e complexo como mistura de aromas vários. António Botto é de todos os tempos e de tôdas as latitudes — é um pouco da Beleza Universal.

*António Marques Matias — Revista «Momento»*

O nome de António Botto, o seu indiscutível prestígio literário, o valor inegável da sua obra, implicam, senão o estudo profundo que não se compadece com a técnica do jornal diário, a análise consciente e honesta da sua peça *Alfama*, rica de teatro, com ambiente próprio e personagens fortemente vincadas — personagens correntes em todos os bairros pobres, em

Lisboa como no Pôrto, personagens vivas — com alma. A Júlia, Tiana, Clotilde, o Manuel, Joaquim Ricardo — não são fantoches, ridículos e risíveis «marionettes». São blocos humanos — palpitam, sentem e também sofrem.

De tôdas estas personagens, que fazem a peça, que a vivem, que a explicam, Joaquim parecerá a menos completa, a mais imperfeita. Aquele mixto de demagogo e de sindicalista, bêbado de profissão, que põe acima de tudo o seu *ideal*, pouco se lhe dando da honra da mulher e do seu lar — é absurdo, inexistente, dirão.

E no entanto, se soubermos ler e ouvir a peça de António Botto, que é teatro e do melhor, compreenderemos que essa personagem não é um símbolo — mas apenas um indivíduo. E que êsses indivíduos com todo o seu amoralismo são mais correntes, mais banais do que se pensa e diz.

Houve quem dissesse que *Alfama* tinha tudo — menos teatro. Esse juízo parece-nos errado.

Os amores de Júlia e de Manuel são o fulcro da acção. Tôdas as personagens surgem naturalmente, incrustadas no seu meio, intervindo ou deixando de intervir, censurando ou aplaudindo, mas girando sempre no seu ambiente próprio, singela, natural, diríamos — espontâneamente.

Os que estranham a frieza ou a volubilidade de Manuel, o marinheiro, não vêem ou esquecem que desde as cenas iniciais do 1.º acto o Autor, dando mostras do que pode e vale como comediógrafo, assinalou inteligentemente as divergências psíquicas que o separam de Júlia — que tem mais alma do que corpo.

É essa divergência profunda, admiravelmente marcada no diálogo do 2.º acto entre Manuel e Júlia, e, depois, no 3.º acto, que explica o drama, que explica a súbita resolução da protogonista — e que dá ao acto final, no dizer dum dos mais ilustres críticos portugueses, um sabor ibseniano.

Não é preciso ir tão longe, buscar filiações tão exóticas, para concluir, vendo e ouvindo *Alfama*, que António Botto é, sem favor, e inegavelmente — um dramaturgo com garra.

★

O diálogo é espontâneo, flue como a água das nascentes. As personagens falam a única língua que podem falar com verda-

de — a sua. Não têm outra — nem Botto praticou o feio crime de as «literalizar» pondo-as «a falar difícil». O conflito — é o mais corrente e humano dos conflitos. A moralidade — a moralidade da gente daquela espécie.

Ouvimos um sacerdote exprobar a maneira como por vezes Manuel se dirige e fala à mãe. Objectamos que, para vergonha nossa, há centenas de filhos muito mais revoltantes e repugnantes do que o marujo. Basta, para nos certificarmos disso, folhear o registo das entradas no Aljube — ou no Torel.

O fecho do 3.º acto é arripiante pela intensidade da tragédia. Júlia abandona o lar. Tiana parte o pão da ceia — «cada vez mais negro». Joaquim, insensível, come despreocupadamente. Manuel mostra o lado bom da sua alma com uma confissão que é, literária e teatralmente, uma «trouville» genial: «Foi-se-me a vontade de jantar». Só Ricardo sente a angústia daquele abandono — êle, «que não serve para estas coisas!»  
E cada um mergulha no «trágico quotidiano».

*Juliano Ribeiro — Jornal de Noticias*

«Baionetas da Morte». Os motivos de inspiração da primeira parte dêste livro de canções giram em redor do Soldado, da Guerra, da Pátria. Não se vá supôr que o autor tenha composto algumas poesias de exaltação patriótica e guerreira para cantar nas escolas. O alto Poeta que é António Botto tem personalidade demasiado acentuada e tocada pelo génio, para cair em tal vulgaridade. A segunda parte do livro é formada por «pequenas canções de cabaret» — ramilhete de admiráveis canções esparzidas de amor pecaminoso. Cada obra que António Botto vai publicando é mais uma obra-prima da literatura portuguesa de nossos dias. Isto deve dizer-se tantas vezes quantas seja necessário, para que tôda a gente que sabe demasiado acêrca do autor procure saber alguma coisa da sua obra.

*Joaquim Moreira — Revista «Portucalè»*

O poeta admirável das *Canções*, que tem enriquecido a literatura poética portuguesa com versos do melhor quilate, é, também, um prosador de envergadura, sabendo manejar a língua com a perfeição dum artista consumado.

O seu último livro, a que deu um título sentencioso e expressivo, *Dar de beber a quem tem sede*, é mais uma prova de que a prosa de António Botto lhe escorre da pena com a subtilidade e a graça que só o poeta — e, sobretudo, o poeta lírico — é susceptível de patentear.

Trata-se — o Autor o esclarece, em sub-título — de contos para crianças e adultos, tendo nós verificado que tanto aquelas como estes poderão colher na fonte que António Botto lhes oferece ensinamentos suaves, de carácter parabólico, deliciosamente capazes de desalterar certas almas sequiosas e ardentes. Nos setenta e dois quadrozinhos subjectivos e objectivos que constituem a galeria admirável do seu livro, o poeta, se às vezes, brinca com as palavras e faz, com verdadeira superioridade literária, jôgo de frases, faz, também, com a subtilidade e a graça que lhe caracterizam o pensamento, doutrina e moral. Apontaremos, ao acaso, as parábolas intituladas *Recomendar de mais* e *Os frutos*, que merecem, como, aliás, tantas outras, ponderação especial.

Com a sua alma de poeta, de poeta que sabe sondar as outras almas, abrangendo-as na universalidade do seu amor, da sua alegria e da sua dor, António Botto compõe imagens mimosas e gentis para vestir com elas ideias ora singelas ora profundas, que qualquer alma compreenderá. A sua ironia, das melhores, ora é delgada e refulgente como um estilete florentino, (*vide*, p. ex., *Literatura*, a páginas 153 e 154), ora contunde e dilacera, como um velho montante de ginete (*vide*, p. ex., *Sinceridade*). De qualquer modo, porém, em *Dar de beber a quem tem sede* sobejam motivos de prazer para o espírito do leitor, fazendo-o, ao da criança como ao do adulto, cismar, algumas vezes.

Cultivando, com este livro, um género literário que conta entre nós tão raros cultores, António Botto presta um serviço de monta às letras nacionais.

*Hugo Rocha — O Comércio do Porto*